

Estimados colegas,

Encaminho aqui o relatório de atividades da última gestão do Comitê de Antropologia Visual (CAV) desta Associação.

Antes de mais nada é necessário dizer que a rede de pesquisa em Antropologia Visual no Brasil acumula em seus 20 anos de construção, desde a organização das primeiras edições do Prêmio Pierre Verger, primeiro na RBA de Salvador, uma história compartilhada que aponta pautas específicas da área de Antropologia Visual. A partir das demandas de reconhecimento da produção na área, em 1999, a ABA cria o GTAV. Duas gerações se sucedem agora no acompanhamento das questões da institucionalização da área no Brasil, tema que o CAV/ABA, hoje, tem por função acompanhar.

Assumi a coordenação do Comitê de Antropologia Visual na RBA de João Pessoa, tendo aceito o convite dos colegas ex-coordenadores do CAV Marcos Albuquerque (UERJ) e Claudia Turra-Magni (UFPel).

O Comitê de Antropologia Visual (CAV/ABA) – gestão 2016/2018, foi formado pelos colegas: Alex Vaillati (UFPe), Ana Paula Alves Ribeiro (UERJ), Claudia Turra-Magni (UFPel), Luís Felipe Hirano (UFG), Marcos Albuquerque (UERJ), Nilson Almino (UEVAcarau/CE), Paula Morgado (USP), Rumi Kubo (UFRGS), Viviane Vedana (UFSC) e Ana Lúcia Marques Camargo Ferraz (UFF), na função de Coordenadora do Comitê. Procuramos, então, manter a realização de reuniões periódicas virtuais e presencial no IUAES, que realizou-se em julho na UFSC.

Destacamos abaixo os temas e atividades que esta gestão procurou privilegiar e dar encaminhamento:

Mapeamento da rede de Antropologia Visual no Brasil

Temos trabalhado pelo reconhecimento da amplitude dessa rede, fruto do contexto político anterior, em que houve a expansão das Universidades públicas. Mobilizados pela necessidade de ver-nos para que possamos autoreconhecemo-nos como rede de pesquisa brasileira em Antropologia Visual, realizamos, então, um mapeamento dos núcleos, grupos e Laboratórios de Antropologia Visual no país e encontramos mais de 30 grupos. Os dados dos grupos, com links para as suas páginas está disponível no site que montamos para dar visibilidade à rede. <https://cavantropologiavis.wixsite.com/cavaba>

Para levar a cabo o projeto dispusemos de uma bolsa PIBIC/UFF, que se intitulou *Mapeamento da rede de Antropologia Visual no Brasil: Institucionalização, Reconhecimento e Visibilidade*, coordenado por Ana Lúcia Ferraz.

O levantamento de dados sobre a institucionalização da área da Antropologia Visual no Brasil partiu de um recenseamento dos núcleos, laboratórios e grupos de pesquisa e de sua produção. A partir desse trabalho de mapeamento e construção de um banco de dados, temos elementos para avaliar a dimensão da rede e da produção em filmes etnográficos, ensaios fotográficos, hipermídia, instalações e outros formatos em que experimenta a escrita etnográfica; pensar a especificidade da área e avaliar o seu processo de reconhecimento. Outros indicadores da produção na área devem ser mapeados também,

como é o caso das teses defendidas e das revistas acadêmicas especializadas, além dos festivais de filmes etnográficos. Os dados são elementos para avaliar a institucionalização da área e o seu processo de reconhecimento acadêmico no Brasil. A disponibilização de tais dados numa plataforma digital e o estudo de seu melhor formato, é o resultado do trabalho proposto.

Realizamos reuniões de planejamento e organização do trabalho, a experimentação de formas para apresentar a cartografia digital da rede de Antropologia Visual brasileira e para o layout do site, dialogando com o layout do site da ABA.

Subprodutos:

1. Atualização da lista de emails do antigo blog do GTAV, criando uma lista de emails atualizada dos Grupos, Laboratório e Núcleos de Antropologia Visual no Brasil.
2. Criação de um Banco de Dados unificado, onde estão todas as informações (organizadas a partir de pastas com uma ficha padrão) de cada Grupo, Laboratório e Núcleo de Antropologia Visual no Brasil.
3. Criação de um novo email para o Comitê de Antropologia Visual (CAV) da ABA.
4. Concepção e organização das categorias do novo site do CAV.
5. Criação, a partir da plataforma Wix, de uma proposta para o site do CAV - ABA.

O site do CAV/ABA e a rede social

A necessidade de visibilizar as atividades da rede e do CAV geraram dois dispositivos diferentes de divulgação: o site do CAV/ABA (a ser vinculado ao site da ABA) e uma página para o CAV na rede social facebook.

O site apresenta o histórico do Comitê, a amplitude da rede, o Prêmio Pierre Verger, em sua história, publicando os editais e as regras para a itinerância das obras selecionadas pelo edital e as questões da avaliação e uma lista de referencias na área. **O site deve ser mantido e atualizado permanentemente para que cumpra sua função.**

Na rede social uma página do CAV/ABA faz circular todos os eventos e atividades organizadas pelos diferentes núcleos, bem como chamadas de eventos ou publicações, festivais, cursos de interesse da antropologia visual, enfim, funciona para notícias mais efêmeras que necessitem divulgação. Esta estratégia parece resultar contatos mais frequentes entre os membros da rede, que tem se apropriado do espaço para vincularem as notícias dos distintos núcleos.

O Prêmio Pierre Verger

Realizamos a Mostra XII Prêmio Pierre Verger do Filme Etnográfico e IX edição do Prêmio Pierre Verger de Ensaios Fotográficos, compartilhando o trabalho de organização da Mostra com os colegas Paula Morgado, presidente do Prêmio, Alexandre Fleming Vale, Ana Lúcia Ferraz, Ana Paula Alves Ribeiro e André Leão.

Avaliamos que foi acertada a decisão de propor a realização do prêmio como um evento que antecede à RBA. E agradecemos o apoio da Comissão Organizadora local da UnB, na pessoa do colega Carlos Sautchuk e à equipe do Iris/UnB, mas também à intermediação da ex-presidente da ABA, profa. Lia Zanotta, que garantiram o apoio da

Embaixada da França sediando o evento. Conseguimos a aprovação do Projeto no edital PAEP, o que garantiu a realização do evento, bem como a impressão do Programa da Mostra e demais informações sobre a itinerância do Prêmio pelas Universidades. Os certificados de participação no Prêmio acabam de ser encaminhados aos autores participantes.

Gostaríamos de recomendar que este formato se mantenha, pois esta solução responde ao problema da simultaneidade das atividades durante as RBAs, o que termina por não valorizar o espaço das Mostras de Filmes Etnográficos, sem que concorra com o público dos GTs, Mesas Redondas, Conferências, Fóruns e outras atividades durante a RBA.

Itinerância do prêmio Pierre Verger

A edição passada (XI e VIII editais de filme e foto) circulou pelas seguintes universidades, entre 2016 e 2018, UFPb, USP, Unifesp, UNESP, UERJ, UFF, UFSC, UENF, devendo retornar à UFPb.

Os dez ensaios fotográficos com cerca de 10 fotos cada, do tamanho previsto no edital (30 x 40), exceto um, de dimensões bem menores (notas de dinheiro). Apenas 6 foram selecionados pelo júri, mas deixamos facultativo aos autores a possibilidade de enviarem para a itinerância (2016-2018). Além dos ensaios impressos, a mostra completa 2016 e a mostra retrospectiva foram organizadas em power Point e em MP4.

A itinerância da Mostra atual (XII e IX editais) começará a sua Itinerância por Brasília, com o apoio da embaixada da França.

Observação: O custo da itinerância física dificulta o transporte da mostra (assim como produz a sua deterioração). Os mecanismos de reprodução e distribuição para a realização de mostras digitais devem ser estudados. Dessa vez funcionou a copiagem digital dos materiais nos congressos intermediários (ANPOCS), entre núcleos de diferentes universidades.

Regras e divulgação da Itinerância

Sistematizamos e publicamos as regras para receber a Itinerância da Mostra do Prêmio Pierre Verger nas Universidades:

A. A instituição que deseja receber os ensaios e filmes deverá solicitar para o responsável do CAV pelo menos com dois meses de antecedência, especificando a data de início e final do evento;

B. O pesquisador solicitante deverá pertencer a uma instituição acadêmica ou a um grupo de antropologia visual;

C. Os filmes e ensaios poderão apenas ser exibidos para o evento solicitado; para qualquer uso suplementar os autores das obras deverão ser consultados;

D. Os solicitantes receberão os filmes em arquivos digitais e os ensaios por correio ou pessoalmente;

E. Os ensaios deverão retornar à instituição sede onde ocorreu a RBA ou ao pesquisador seguinte inscrito para realizar a mostra itinerante – esta restituição é de inteira responsabilidade da instituição que acolhe o material;

F. Para que os ensaios não sejam danificados na sua montagem e desmontagem, pede-se sempre que sejam manuseados com luvas e para a colagem das fotos nos painéis sejam usadas fitas dupla-faces Scotch – Fixa Forte Transparente – Ambiente interno, 12mmX 2m);

G. Em todo material de divulgação deve constar a comissão de organização e júri do Prêmio, o logo da ABA, da RBA (além da instituição acolhedora) e imagem de divulgação do prêmio (que será fornecida quando da confirmação da participação da instituição solicitante na mostra itinerante)

H. Os autores dos ensaios deverão ser notificados com antecedência do evento e um certificado enviado da participação de seu trabalho no evento. Neste certificado deverá constar o logo da ABA, da última RBA e logos dos apoiadores (se houver)

I. Cópia de todo o material de divulgação (cartazes, folhetos e imagens da exposição) deverá ser encaminhado ao responsável do CAV pelas mostras itinerantes.

TVABA

Sob coordenação de Alex Vailatti e vice-coordenação de Claudia Turra, a TVABA atuou na transmissão de eventos e publicação no canal da TVABA de registros e produções de diversas universidades, além dos materiais do Prêmio Pierre Verger.

GT Imagem e Ciências Sociais/ANPOCS

Propusemos e mantivemos o GT Imagem e Ciências Sociais nos dois últimos encontros da ANPOCS, co-coordenado por Ana Lúcia Ferraz e João Martinho Braga de Mendonça (UFPb).

Participação de representante do CAV na Comissão de Imagem da ANPOCS

Indicamos o colega Luís Felipe Hirano (UFG) que tem participado da organização das atividades da área, como os editais de vídeo, fotografia e curadoria. Os membros da Comissão da ANPOCS são: Anita Simis, Luis Felipe Hirano e Ana Sallas.

Organização do Fórum Ciências Sociais e Imagem

Worshops do IMS – Uso de Acervos

Mesa Redonda sobre a Avaliação da produção audiovisual

Com Ruben Caixeta, Claudia Turra-Magni e Ana Sallas (que não pode comparecer mas enviou a sua contribuição na forma de um relatório acerca da situação do debate sobre o reconhecimento de produção audiovisual na área da Sociologia).

O campo da Antropologia Audiovisual começa a se desenvolver em laboratórios, diversos quanto a seu momento e condições de criação, fomento e constituição, gradativamente se equiparam ou estão em vias de incremento, e alguns deles ultrapassaram as condições encontradas em núcleos estrangeiros que os inspiraram. Analisamos o vigor do campo da Antropologia Visual nessas duas primeiras décadas e meia de existência, em que seu fortalecimento e a proliferação de sua produção tornaram-se incompatíveis com um sistema de avaliação que desconsidera o esforço e custo suplementares em termos de investimento tecnológico, infraestrutura e saberes próprios da área, levando à reivindicação de uma maior legitimidade e visibilidade institucional.

Em 2008, em Porto Seguro, durante a 26ª Reunião da ABA, os pesquisadores reunidos decidem mobilizar-se para solicitar junto à CAPES que as produções na Antropologia Visual sejam reconhecidas em seu caráter científico e avaliadas enquanto tais, considerando inclusive que tal avaliação seja feita por uma equipe de especialistas com experiência nesse tipo de resultado intelectual.

Cabe, por fim, ressaltar, que o panorama brasileiro não é muito diferente daquele encontrado em outros países, pois, segundo artigo publicado pela ANPOCS, Sylvia Novaes, ao traçar “Os caminhos que antecedem e marcam a Antropologia Visual no Brasil” (2011), dedica o item final ao tema que nos atém e lembra que, já em 2009, o boletim eletrônico da NAFA (Newsletter of the Nordic Anthropological Film Association) publicou uma carta de Peter Crawford, então professor do *Institut of Anthropology/Visual Culture*, da Universidade de Tromsø (Noruega), relatando as dificuldades de reconhecimento das produções audiovisuais como equivalentes do trabalho científico/acadêmico desenvolvido de forma textual. Também em 2001 a *American Anthropological Association* elabora uma declaração sobre o mesmo assunto, publicada em 2001, na revista *American Anthropologist*.

Ao longo dos últimos anos foi elaborada, através do trabalho de uma comissão de antropólogas visuais, um instrumento de avaliação da produção audiovisual, inicialmente chamado **Qualis Imagem**. Esta ferramenta foi utilizada pela segunda vez na CAPES em 2017, para avaliar a produção audiovisual dos programas de pós-graduação da área de Antropologia e Arqueologia. Cabe ressaltar que, no panorama brasileiro, esta é a única área científica onde está sendo realizada uma avaliação deste tipo.

A mesa aqui proposta visa analisar o caminho que permitiu a pioneira afirmação de um plano de avaliação da produção audiovisual no Brasil. Considerando que este processo está ainda nos seus primeiros momentos, é fundamental uma reflexão, que clarifique, em particular para as novas gerações de pesquisadores, o caminho feito, sua importância para o reconhecimento desta produção. É importante refletir sobre os problemas e fragilidades, bem como as potencialidades e as limitações do processo em curso. Visamos também socializar, no campo das ciências sociais brasileiras, um importante caminho que está sendo percorrido na área da antropologia, para estimular a reflexão sobre a relevância epistemológica da produção acadêmica audiovisual.

Avaliação da Produção Audiovisual – Estado do reconhecimento da produção

Em 2008, o Comitê de Antropologia Visual constituiu uma Comissão para a elaboração de um Roteiro de Avaliação da Produção Audiovisual na área de Antropologia, composta pelas professoras Ana Luiza Carvalho Rocha (UFRGS), Carmen Rial (UFSC), Clarice Peixoto (UERJ), Sylvia Caiuby Novaes (USP) e Carlos Etchevarne (arqueologia UFBA).

Este roteiro institui os critérios pelos quais concebemos que nossa produção deva ser avaliada. Até então, nossas realizações em filmes, ensaios fotográficos, hipermídia, estudos de paisagens sonoras não contavam como produção acadêmica, e, no contexto produtivista que se impôs, a elaboração do Roteiro foi uma solução de inclusão de nossa atividade pontuando nos diferentes Programas de Pós-Graduação em Antropologia, nas Universidades públicas brasileiras.

Somente em 2012, a então coordenadora da área de antropologia da Capes, Lia Zanotta Machado (UnB), apresentou ao fórum de coordenadores de PPGAS, a proposta do Roteiro de Classificação da Produção Audiovisual. A proposta original da Comissão sofreu o corte na avaliação dos produtos em hipermídia. O Roteiro apresenta a distribuição de pontuação e definição de quatro estratos de avaliação, denominados AV1, AV2, AV3 e AV4, além da categoria de Não Classificado (NCL) para obras que não atingiram 30 pontos ou que não atenderam aos critérios da área, indicados no Roteiro.

Os coordenadores de PPGAS modificaram a proposta original da Comissão (produtos e pontuação) e aprovaram: 1) o modelo do roteiro de classificação dos produtos audiovisuais com ponderações para atribuição de estratos de qualidade e os pesos a serem atribuídos, 2) a inserção dos produtos audiovisuais como produção intelectual qualificada, 3) a constituição de comissão de avaliação que receba, audite e classifique os produtos audiovisuais, o que vigorou até o ano de 2016.

*** Alteração de percurso – Plataformas Lattes e Sucupira e os percalços da avaliação**

Na reunião de coordenadores de PPGs da área de antropologia, realizada no IUAES, em julho /18 recebemos um convite do representante de área, para enviarmos um representante da área às reuniões da CAPES que elaboraram o Qualis Eventos. Sem compreender exatamente o porque a produção audiovisual deve ser incluída como evento, iniciamos uma série de discussões no interior da rede que gostaríamos de socializar aqui:

Avaliamos que a produção audiovisual em filmes etnográficos, ensaios fotográficos, estudos de paisagens sonoras e produtos em hipermídia deva ser incluída como produção intelectual, equivalente a artigos, e igualmente pontuados a partir dos critérios que viemos discutindo na última década.

As disparidades entre as plataformas Lattes e Sucupira também são dificuldades que contribuem para que os dados de produção desapareçam, sendo que em avaliações passadas a produção visual na área simplesmente não contou para a nota dos Programas. Defendemos que inserir a produção visual como evento pontua apenas a circulação da obra e não a obra em si mesma.

Depois de consultar as colegas Cornelia Eckert (UFRGS) e Sylvia Ciauby Novaes (USP) e da impossibilidade de que as colegas assumissem a representação, a colega Lisabete Coradini (UFRN) aceita atuar junto à esta comissão da CAPES, reunindo-se com os representantes das áreas de artes, informática e comunicação, durante o segundo semestre de 2018. Fruto dessa participação, logramos inserir nesse Qualis Eventos a categoria Etnografia Visual, com as subdivisões em Filmes, Fotografia, Paisagem Sonora ou Hipermídia. Consideramos que a inclusão é um avanço, embora recusemos o lugar que nos propõem os colegas, de que a produção audiovisual seja reconhecida e pontue simplesmente como Evento.

Além disso temos pelas categorias que foram elaboradas e aperfeiçoadas em versões sucessivas do Roteiro de Avaliação da Produção Audiovisual, critério a ser seguido nas reuniões da Comissão que recebe os produtos para avaliação. Sabemos, no entanto que, com o crescimento exponencial da produção, conseqüente à expansão da rede, se inviabilizará essa avaliação produto a produto a nível nacional.

Gostaríamos de recomendar que os critérios a serem utilizados na avaliação da produção deve ser o que foi firmado na última versão do Roteiro, publicado no site do CAV/ABA: <https://cavantropologiaavis.wixsite.com/cavaba/formacao-em-antropologia-visual>

Internacionalização da Rede

Participação na RAM

GT Antropologia do Cinema, com a coordenação de Ana Paula Alves Ribeiro, Debora Breder e Franco Passarelli (Ar).

Acompanhamos a Mostra de Filmes Etnográficos e a Mostra de ensaios fotográficos

IUAES –

Painel Experiências de Ensino de Antropologia Visual

Organizado pelos colegas Gabriel Alvarez (UFG) e Mariano Baez Landa (Mex)

Mostra de filmes etnográficos

Organização: Alex Vailatti

Contato com colegas da IUAES, a rede nórdica de Antropologia Visual, representada por Metje Postma, da Universidade de Leiden, deixa a coordenação da área, passando a representação a colegas da China.

Formação em Antropologia Visual

O tema da formação específica na área da Antropologia Visual ainda é polêmico no Brasil, no interior da rede e de nossa Associação. A partir do panorama internacional e das necessidades de formação específica afirmamos o interesse e a necessidade de abirmos o debate sobre a criação de formação em nível de pós-graduação na área.

Uma experiência de formação específica a nível de graduação existiu nos últimos dez anos na UFPb, campus Rio Tinto. As dificuldades do curso devem-se a dificuldades estruturais da implantação de cursos de graduação e a questões internas ao departamento. Por decisão do departamento, o curso não terá novas convocatórias.

Os colegas da UFG também apresentaram um projeto de curso de Pós-Graduação (Mestrado), vinculado com um programa de internacionalização a partir de intercâmbios com universidade no México. O projeto tem potencialidades também porque na UFG há Licenciaturas Indígenas, que muito se beneficiariam de formação na área.

“Um dos paradoxos deste campo disciplinar na academia brasileira. Sua institucionalização na forma de núcleos e laboratórios que funcionam nos principais centros universitários e ao mesmo tempo uma baixa institucionalização como cursos específicos”, como diagnosticam Landa e Alvarez (2018).

Ainda não temos nenhum programa de formação em nível de pós-graduação específico em Antropologia Visual no Brasil, o que difere do quadro internacional, em que, na última década, surgem uma série de programas a nível de mestrado. A maturidade da rede e de sua produção demandará o reconhecimento do interesse nesse tipo de formação específica. A especialização na formação dos colegas que produzem etnografias transmidiáticas e/ou em filme põe a questão do mundo mediado por imagens com o qual nos defrontamos, coloca o problema da visibilidade nos processos de produção do conhecimento antropológico.

Indicação da Nova Coordenação do CAV e Presidente do Prêmio Pierre Verger:

Consensuamos, para suceder a esta gestão, devido à sua participação na Comissão da CAPES, o nome da professora Lisabete Coradini (UFRN), que foi apresentado e aclamado em reunião presencial ampliada do CAV durante a última RBA. Igualmente o nome do colega Alexandre Fleming Valle (UFCE) foi proposto, aceito e aclamado pelos membros da rede de pesquisa em Antropologia Visual na mesma reunião.

Ciente dos desafios que o tempo atual nos coloca para pensar e agir, me disponho a seguir colaborando com esta rede para o que seja necessário.

Sem mais,
Saudações Antropológicas,



Coordenadora do CAV/ABA, gestão 2017-2018